A INSTABILIDADE DO TRADUTOR

Milene de Paula Borges

Milene de Paula Borges

A INSTABILIDADE DO TRADUTOR

Monografia submetida ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês, elaborada sob a orientação da Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira.

Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas e de Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora
Junho de 2004

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Clara Castellões de Oliveira (Orientadora)

Professora Mestre Mayra Barbosa Guedes

Professor Doutor Mário Roberto Lobuglio Zágari

Instituto de Ciências Humanas e de Letras da UFJF
Juiz de Fora, junho de 2004

DEDICATÓRIAS

À Profª. Drª. Maria Clara Castellões de Oliveira,

Pela autenticidade, pela seriedade, pelo compromisso, pelo profissionalismo e pela amizade durante a realização desse trabalho. Essas são algumas das características mais importantes que me proporcionaram a chance de crescer como profissional e como pessoa.

Ao professor Mário Roberto Lobuglio Zágari,

Por ser exemplo de profissional que ama sua língua materna e sua profissão para todos aqueles que têm, ou já tiveram, o privilégio de estar a sua volta.

Aos demais professores e aos colegas do Departamento de Letras e do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas,

Por terem contribuído para minha formação intelectual e profissional.

Ao funcionário Hermano de Oliveira Mendes,

Por ter me ensinado tanto através de sua simplicidade e grandeza espiritual.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Por ter me dado a vida e por estar sempre do meu lado, guiando-me, protegendo-me e fortalecendo-me.

Aos meus pais Elisa e José Manoel,

Pelo amor incondicional que, desde quando nasci, os tem feito abdicar do próprio bem em meu favor e pela importantíssima participação na minha vida acadêmica, ajudando-me a superar as dificuldades e alegrando-se com as minhas conquistas.

Se entre duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra na outra, expressando o mesmo conceito na mesma abrangência, se suas flexões apresentassem a mesmas relações e suas combinações se diluíssem umas nas outras de forma que as línguas diferissem somente para o ouvido, então toda tradução no campo da arte e da ciência, contanto que só o conteúdo de um discurso ou de um texto precisasse ser comunicado, seria tão mecânica quanto a dos negócios

(Friedrich Schleiermacher)

SUMÁRIO

MEU PONTO DE PARTIDA.....8

CAPÍTULO I
MOMENTOS-CHAVE NA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO TRADUTÓRIO ATÉ O SÉCULO XIX.....16

CAPÍTULO II
UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICA.....21

CAPÍTULO III
UMA POSTURA POLITIZANTE.....36

CAPÍTULO IV
UMA ABORDAGEM CULTURALISTA.....40

CAPÍTULO V
O TERCEIRO LUGAR: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA.....45

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....56

MEU PONTO DE PARTIDA

Durante meu curso de Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução/Inglês, tive a oportunidade de, através de algumas fases, comprovar que um trabalho de tradução não envolve simplesmente o texto a ser traduzido, o tradutor e seu dicionário. Ao contrário do que muitos pensam, uma tradução resulta de uma série de fatores, relacionados a questões lingüísticas, sociais, econômicas, culturais e psicológicas, que estão em constante inter-relação. Porém, para chegar a essa consciência, passei por algumas etapas em meu curso de tradução, como disse anteriormente. Logo no início, foram apresentados a mim vários textos teóricos para que fossem fundadas as bases para a realização de trabalhos posteriores. Em seguida, gradualmente, comecei a fazer traduções e versões de diferentes tipos de textos. Em um momento seguinte, juntamente com meus colegas e a professora, trabalhei com traduções prontas, fazendo uma análise crítica sobre os métodos adotados pelos tradutores. Foi nessa etapa que, com o auxílio da professora, passei a perceber, com certa clareza, a variação (consciente ou não) da postura do tradutor diante da obra traduzida. Isso se deve ao fato de que, em algumas passagens dos textos analisados, observei significativa mudança na utilização dos procedimentos tradutórios, pois, ora lia um segmento traduzido de forma mais literal, em que o tradutor privilegiava a estrutura lingüística do texto original, e ora me deparava com um segmento traduzido de forma mais idiomática, em que se notava o privilégio da estrutura lingüística da língua da tradução.

Dessa forma, após ler a tradução dos três primeiros capítulos do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1999), traduzido por Helen Caldwell (1996), fiquei mais instigada a investigar sobre a *instabilidade* do tradutor. Isso se deve ao fato de que, como se trata de uma versão de minha língua materna para uma língua estrangeira, o inglês, fica-se mais fácil detectar tal *instabilidade*. Além do mais, o estilo machadiano é bem

conhecido pelos estudantes universitários e pelos leitores profissionais, em geral. Assim, espera-se por termos formais, frases bem construídas para que o leitor tire suas próprias conclusões. A tradutora, de maneira geral, se saiu bem, encontrando algumas boas soluções, como as apontadas a seguir:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
*"...não **deu por mim**, voltou e, **abafando** a voz, disse que a dificuldade estava na casa **ao pé**, **a gente** do Pádua"* (p. 14).	*"...he did not **notice me**, went back and, **lowering** his voice, said that the difficulty was in the house **close by**, the Padua **family**."* (p.25)
*"Enfim, agora como outrora, há aqui o mesmo contraste da **vida interior**, que é pacata, com a **exterior**, que é ruidosa"* (p12).	*"And now, as formelly, there is the same contrast between the **life within**, which is tranquil, and that **without**, which is noisy and restless."* (p.23).

No primeiro exemplo, assim como no segundo, os termos em negrito demonstram que a tradutora buscou palavras e/ou expressões que pudessem melhor se adequar ao contexto apresentado no original. Como pode-se notar, esses termos não foram traduzidos ao "pé-da-letra" para não causar o estranhamento do leitor, mas, nem por isso, ela alterou o conteúdo ou deixou de obedecer a estrutura e a pontuação do original.

Porém, em outros momentos, ela usou excessivamente expressões mais freqüentes em um discurso informal, além de ter alterado a pontuação. Abaixo há dois exemplos:

ORIGINAL	**TRADUÇÃO**
*"**Cumprimentou**-me, **sentou-se** ao pé de mim, [...] e acabou **recitando**-me versos"* (p.11).	*"He **spoke, sat down** beside me, [...] ended by **reading** me some verses"* (p.21).
*" 'Meu caro Dom Casmurro, não **cuide** que **o dispenso** do teatro amanhã; venha e dormirá aqui an cidade: **dou-lhe** camarote, **dou-lhe** chá, **dou-lhe** cama, só não **lhe dou** moça'"* (p.11).	*" 'My dear Dom Casmurro, don't **imagine** that **you are going to escape** my theatre party tomorrow **night**. You can stay overnight in the city. I promise you a box at the theater, **tea,** and a **bed**. The only thing I don't **promise you** is a girl"* (p.21).

No primeiro exemplo, ela traduziu termos mais formais por termos coloquiais, além de não utilizar um correspondente tão próximo do original. Por que *speak* para *cumprimentar*, o *"phrasal verb"* (recurso usado em situações de informalidade) *sit down* para *sentar* e *read*

para *recitar*, sendo que há correspondentes mais no inglês para todos esses termos em português? Já no segundo exemplo, a tradutora alterou um pouco o sentido da frase, pois passou a ação de uma personagem para a outra. Assim, aquele que *dispensa*, a primeira pessoa do discurso presente no original, passa a ter um papel secundário na tradução, já que alguém, a pessoa a qual o narrador se dirige, *vai escapar* (*are going to escape*) sem a sua autorização. Além disso, a repetição do verbo *dar* no original, traduzida por *promisse*, foi omitida na tradução. Com relação à pontuação, a tradutora realizou algumas alterações, como pode ser notado na comparação entre os trechos acima apresentados. Vale dizer aqui que em várias passagens, além dessa, as orações sofreram algumas mudanças devido à alteração na pontuação. O interessante é que todas essas alterações mais salientes realizadas pela tradutora não eram necessárias, já que todas as expressões em português tinham seus equivalentes em inglês. Acredito que a tradutora possa ter tido motivos, na maioria das vezes, para fazer tais alterações. Mas, quais seriam eles?

Vale lembrar aqui algo curioso. A maioria dos nomes próprios e de lugares foi preservada, pelo menos até o terceiro capítulo. Apenas o nome de *Juliana* foi substituído por *Justina.* Outro caso estranho também se deve ao fato de que a palavra *padre* no original foi primeiramente traduzida por *padre* mas que, logo em seguida, foi trocada por *priest.*

Ao ler a tradução feita por Lia Wyler do primeiro capítulo, “The boy who lived” /“O menino que sobreviveu”, do livro *Harry Potter and the Sorceror’s Stone* (1998) (*Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000)), de J. K. Rowling, qualquer um pode perceber a *instabilidade* da tradutora ao fazer as escolhas dos nomes dos personagens. Logo no início, ela mantém o sobrenome da família – *Dursley* – e o nome da firma – Grunnings –, presentes no original, assim como o nome do filho – *Dudley*. Porém, talvez para facilitar, a tradutora inventa um apelido para o menino – *Duda* –, o que não é fornecido no original. Como era de se esperar,

pelo fato de ser bastante conhecido pelo público infantil, o nome do protagonista foi mantido – *Harry Potter*. Porém, os outros nomes são dados de forma meio confusa, alternando nomes brasileiros com os de língua inglesa. Cheguei até a imaginar que apenas os primeiros nomes tivessem sido alterados para facilitar a leitura, permanecendo os sobrenomes inalterados. Porém, isso não é bem o que ocorre ao longo da tradução. A seguir estão alguns exemplos para confirmar minhas palavras:

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
Harvey	*Ernesto*
Harold	*Eduardo*
Professor mcgonagall	*Professora minerva mcgonagall*
You-know-who	*Senhor-sabe-quem*
Albus dumbledore	*Alvo dumbledore*
Jim mcguffin	*Jorge mendes*
Dedalus diggle	*Dédalo diggle*
Madam pomfrei	*Madame gonfrei*
Godric's hollow	*Godric's hollow*
Lily	*Lílian*
James	*Tiago*
Hagrid	*Hagrid*

Parte do livro *Tent of Miracles* (1998), tradução feita por Barbara Shelby para *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, apresenta problemas semelhantes aos comentados acima. É claro que há um grande número de termos/nomes que são específicos da cultura baiana, podendo, então, dificultar o trabalho do tradutor. Dessa forma, o estabelecimento de critérios para a tradução ou não desses termos seria muito importante para evitar confusões e equívocos que demonstram a grande *instabilidade* da tradutora. Prova disso está logo no início do texto, em que, ao adicionar a informação da localização do *Pelourinho*, a tradutora comete um equívoco ao colocar *Bahia* em vez de *Salvador*, além da frase como um todo alterar o sentido do original:

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
"No amplo território do Pelourinho..." (p.1).	*"In the neighborhood of Pelourinho* ***in the heart of Bahia****..."* (p.15).

A tradutora, como já disse, enfrenta situações bastante complicadas, como por exemplo, ao passar para a sua língua o sentido expresso pelas palavras *óxente* e *porreta.* No exemplo abaixo, pode-se notar que a tradução buscou explicar o termo específico da cultura brasileira da forma mais clara possível para que seu leitor pudesse entender, já que não há correspondentes no inglês para tais termos. Dessa forma, a saída encontrada pela tradutora na frase foi:

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
"...e tem mais, ***óxente****!"* (P.16).	*"...and* ***more others than you can count****"* (P.2).
"um ***porreta*** *em folias"* (p.16)	*"a* ***crackerjack*** *when it* ***comes to street plays and carnival frolics****"* (p.2).

Pode-se dizer que, nesse caso, ela não tinha muita escolha, a não ser procurar o sentido essencial do termo para passá-lo ao seu leitor da forma mais clara possível.

Ao falar sobre os golpes da capoeira, a tradutora resolveu traduzir alguns e omitir outros. Assim:

TEXTO ORIGINAL	TEXTO TRADUZIDO
Meia-lua	*Half moon*
Rasteira	*Slash*
Cabeçada	*Triphammer*
Rabo-de-arraia	*Headstand,*
Aú com rolê	*Whiplash*
Aú de cambaleão	*Leg-kick*
Açoite	*Belly-kick,*
Bananeira	*Clamshell*
Galopante	*Hammerchop*
Martelo	*Crouching trip*
Escorão	(...)
Chibata armada	
Cutilada	
Boca de siri	
Chapa-de- frente	
Chapa-de-costas	
Chapa-de-costas	
Chapa-de-pé	

Como se vê, a tradutora não deu conta de traduzir todos os termos. Por que, então, optou por traduzi-los? É claro que seria muito preciosa a justificativa da tradutora para suas decisões ao

longo do seu trabalho para poder se livrar de várias suposições. Porém, como isso nem sempre é possível, a dúvida fica no ar.

Nessa versão, há várias passagens em que certas palavras são mantidas e outras traduzidas e há ainda aquelas que são também explicadas no corpo do texto. Tal atitude da tradutora mostra sua *instabilidade* diante da obra traduzida:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
"...o zinco, o cobre, ***são espadas de Ogun****, Leques de Yemanjá,* ***abebés de Oxum****,* ***paxorós de Oxalá****. Uma grande Yemanjá em cobre é a insígnia de sua oficina..."* (p.18).	*"...zinc, and copper* ***are beaten into swords for Ogun the Warrior****, fans for Yemanjá,* ***the round metal symbol of Oxun which is both fan and musical instrument, and fly whisks for Oxalá, the greatest god of all****. The sign of Proença's workship is a huge Yemanjá in copper..."* (p.5).

Apesar de ser difícil, em muitos momentos, afirmar com convicção que se trata de falta de conhecimento ou falta de atenção do tradutor, avanços significativos na área já nos proporcionaram algumas respostas. Vários estudiosos da área expuseram (e ainda expõem) suas análises acerca de questões relevantes, tanto interiores quanto exteriores ao indivíduo, que devem ser levadas em conta em uma tradução, por influenciarem-na consideravelmente.

Tendo isso em vista, é minha pretensão no presente trabalho, procurar justificativas para essa *instabilidade* que o tradutor deixa transparecer em sua obra. É óbvio que ela, muitas vezes, apresenta-se de forma bastante sutil, porém, em outros momentos, faz-se presente de maneira *escandalosa,* lembrando termo adotado por Venuti em recente livro por ele lançado (*The Scandals of Translation* (1998)/*Os Escândalos da Tradução* (2002)). É a partir dessa proposta que apresentarei a postura de alguns estudiosos da tradução acerca dos diferentes caminhos que o tradutor pode seguir durante a realização de seu trabalho, já que eles abordam essa questão pelos mais diversos ângulos. Dessa forma, mencionarei nomes como os de Heloísa Gonçalves Barbosa, Friedrich Schleiermacher, Lawrence Venuti e Else Vieira através das mais diversas abordagens: lingüística, política, social, cultural e psicanalítica. Esta última, apresentada por Maria Paula Frota em seu livro *A Singularidade na Escrita Tradutora:* Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução na Lingüística e na Psicanálise (2000),

que teve como amparo a teoria de Sigmund Freud, foi deixada para o final, pois a autora, ao valorizar a participação do inconsciente nos trabalhos de tradução, ilumina alguns pontos importantes da questão relacionada à *instabilidade* do tradutor que, se não encontrada em uma potência elevada, seria aquilo que Frota chamou de *singularidade na escrita tradutora.*

CAPÍTULO I

MOMENTOS-CHAVE NA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO TRADUTÓRIO ATÉ O SÉCULO XIX

A questão em torno da dicotomia literalidade/liberdade, ponto-chave para análises contrastantes sobre os estudos tradutórios, é motivo de discussões entre estudiosos de várias épocas, já que algumas traduções privilegiam a forma sobre o conteúdo e outras o conteúdo sobre a forma. Se fizermos uma breve recapitulação da história, poderemos ter uma visão mais geral acerca do assunto para que, dessa forma, possamos entender as abordagens contemporâneas a partir das abordagens tradicionais relacionadas ao ato tradutório. Como afirma Susan Bassnett em seu livro *Translation Studies* (1991), as divisões da teoria, história e prática da tradução, embora interessantes, não garantem um estudo diacrônico da mesma, já que não permitem o estabelecimento de limites temporais. Contudo, informações relatam que Cícero (55 a.C.), pertencente ao contexto romano, autor de uma das primeiras reflexões sobre a forma pela qual a tradução pode ser descrita, e São Jerônimo (384 d.C.), autor da tradução da *Bíblia* para o latim, já abordaram essa questão quando trouxeram a público o seu pensamento tradutório:

> *O que homens como vós... chamam de fidelidade em tradução os eruditos chamam de minuciosidade pestilenta... é duro preservar em uma tradução o encanto de expressões felizes em outra língua... Se traduzo palavra por palavra, o resultado soará inculto, e, se forçado por necessidade, altero algo na ordem ou nas palavras, parecerá que eu me distanciei da função do tradutor (CÍCERO citado por MILTON, 1993:12).*

Já São Jerônimo, no Prefácio da sua tradução, a qual apresentou uma leitura “facilitada” do original, preveniu-se das críticas que possivelmente receberia: “Quem quer que, sendo culto ou não, tomasse o volume nas mãos e descobrisse que, ao lê-lo, discordava daquilo com que estava acostumado, não haveria de romper em gritos, e me chamar de um falsificador sacrílego, por eu ter tido a ousadia de acrescentar algo aos Livros Antigos, de fazer mudanças e correções neles” (SÃO JERÔNIMO citado por MILTON, 1993:13).

Segundo John Milton, em *O Poder da Tradução* (1993), na chamada época *Augustan* (séculos XVII e XVIII), na Inglaterra, ocorreu a primeira tentativa de teorização do ato tradutório, já que até aquele momento a prática era traduzir, atualizar ou adaptar para o inglês. John Dryden foi o nome de destaque nesse período, pois realizou vários comentários valiosos sobre tradução de poesias, além de estabelecer *o paradigma triádico da tradução* composto pela metáfrase – tradução palavra por palavra –, pela paráfrase – tradução mais livre – e pela imitação (p.28). Vale ressaltar que Jonh Dryden, em um primeiro momento de sua carreira, defendeu o meio termo, ou seja, alegou que o tradutor deveria aproximar seu estilo ao do tradutor, fazendo as escolhas necessárias, porém sem mudar, de forma alguma, o sentido do original. Já em um período posterior, ele assumiu, em um de seus prefácios, ter infringido algumas das suas regras: "devo reconhecer que muitas vezes ultrapassei meu limite, pois não só fiz acréscimos como também omiti e até mesmo fiz algumas vezes, muito audaciosamente, elucidações de meus autores que nenhum comentarista holandês perdoaria" (DRYDEN citado por MILTON, 1993:28). Em uma fase posterior, Dryden passou a fazer traduções de vários estilos, ora literal, ora próxima da paráfrase, ora com omissões, etc., alegando que o seu objetivo era ser entendido pelo leitor.

Entre os séculos XVII - XVIII (França) e os séculos XVIII - XIX (Alemanha), novamente a questão em torno da tradução mais literal ou da tradução mais idiomática ocupa lugar de destaque. De um lado estavam os escritores franceses que, para chegarem à clareza e beleza textual, faziam as alterações que julgavam necessárias a fim de que tudo pudesse ser entendido pelo leitor, fazendo surgir as *belles infidèles* (traduções belas, porém infiéis); do outro lado, estavam os escritores alemães que seguiam, com fidelidade, as formas morfológicas e sintáticas do original.

Na conferência *"Sobre os Diferentes Métodos de Tradução"*, realizada na Academia Real das Ciências de Berlim, em 1823, Friedrich Schleiermacher, importante teórico e

tradutor alemão procurou colocar em discussão uma das grandes dificuldades da tradução, segundo ele, aquela concernente à questão de como passar algo para a língua materna, tendo em vista que tal ato depende de certa intimidade com a língua e o autor estrangeiros. Schleiermacher alega haver dois caminhos que o tradutor pode seguir, o primeiro deles pressupõe que o leitor seja deslocado para ir ao encontro do texto/autor estrangeiro, enquanto o segundo propõe o contrário, ou seja, o autor/texto estrangeiro torna-se familiar ao leitor. Sua defesa é pelo primeiro modelo de tradução, em oposição àquele em que o tradutor tenta fazer uma espécie de transposição lingüística e cultural do texto traduzido para a sua língua. Segundo Schleiermacher, não há possibilidade de o tradutor fazer uso de ambos os caminhos, já que, a seu ver, esses são completamente diferentes entre si. Dessa forma, resultado final de um trabalho que segue ora um caminho e ora outro pode, segundo ele, tornar-se não confiável. Nas suas próprias palavras, temos:

> *Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele. Ambos são tão diferentes um do outro que um deles tem de ser seguido tão rigidamente quanto possível do início ao fim.* ***De qualquer mistura resulta necessariamente um resultado pouco confiável e é de se recear que autor e leitor se percam por completo. [...] Certamente, desse contraste esclarece-se logo o quão diferente deve ser o procedimento em todos os detalhes e como tudo seria incompreensível e impróspero se se quisesse trocar de método no mesmo trabalho*** *(SCHLEIERMACHER, 2001:43, minha ênfase).*

Dessa forma, tem-se, então, uma mostra da posição dicotômica na qual é colocada a tradução e da estranheza que pode causar a utilização de vários procedimentos tradutórios em um mesmo texto.

Contudo, Schleiermacher, nessa mesma conferência, reconhece que a realização de tal tarefa é uma das principais dificuldades do tradutor, já que ele corre o risco de passar de uma relação que pretende ser de liberdade para uma relação de dominação. Apesar disso, ele acredita que esse é um risco necessário para o enriquecimento de uma dada cultura/língua: “E tem de se admitir que fazer isso com arte e com medida, sem desvantagem própria e sem desvantagem para a língua, talvez seja a maior dificuldade que o nosso tradutor tem de

superar. Esta empreitada parece o grau mais maravilhoso de rebaixamento para o qual um não mau autor pode transferir-se" (SCHLEIERMACHER 2001: 57).

Essa postura, no contexto alemão, deve-se, principalmente ao fator cultural, já que a língua alemã ainda não tinha se auto-afirmado naquela época, não podendo, assim, se colocar como uma língua auto-suficiente diante do mundo. Assim, apesar de parecer estranho hoje em dia, a preferência pela tradução "estrangeirizante" (termo utilizado por Venuti para se referir ao mesmo método defendido por Schleiermacher) por aquela nação teve como principal meta a afirmação de uma língua nacional, mesmo que essa afirmação, à princípio, significasse a dependência dialetal em relação ao estrangeiro. Para confirmar tais declarações, no final da Conferência, Schleiermacher faz considerações acerca da importância da tradução no contexto alemão: "Se chegar o dia em que tivermos uma vida pública da qual, por um lado, deve desenvolver-se uma sociedade mais substanciosa e mais justa em relação à língua. Por outro, será ganho um caminho livre para o talento do orador, então talvez nós necessitemos menos da tradução para o aperfeiçoamento da língua" (SCHLEIERMACHER 2001:85).

CAPÍTULO II

UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICA

A partir do século XX, no entanto, os estudos tradutórios passaram a ser discutidos com mais veemência por vários especialistas da área. Assim, no momento em que a tradução passou a ser considerada como o resultado de um processo, houve a necessidade da realização de um estudo mais sistemático acerca da mesma. A característica notável nesse âmbito foi a combinação entre estudos lingüísticos, literários, filosóficos, antropológicos etc. Dessa forma, definições de procedimentos técnicos da tradução que poderiam ser aplicados apenas na prática tradutória passaram a ser descritas por vários estudiosos. A questão a ser observada aqui está relacionada à posição dicotômica em que é colocada a tradução. Mesmo havendo uma certa preocupação por parte de alguns estudiosos em desfazer a divisão rígida em dois eixos principais, nos quais os procedimentos tradutórios são distribuídos, a bipolaridade em torno dos estudos tradutórios está muito presente.

Heloísa Gonçalves Barbosa, em seu livro *Procedimentos Técnicos da Tradução*: Uma nova proposta (1990:11-111), apresenta, de forma sucinta, os procedimentos descritos por alguns desses estudiosos, além da sua própria proposta de recategorização e recaracterização desses mesmos procedimentos, já que alegou haver algumas discrepâncias nos modelos por ela apresentados.

Todos os procedimentos apresentados a seguir foram úteis, de alguma forma, para esclarecer melhor o que ocorre na passagem de uma língua para outra, ou seja, na tradução. Entretanto, o que ainda permanece praticamente inalterada em todas as descrições, inclusive na de Barbosa, é a posição dicotômica, a condição bipolar literal/não literal em que é colocada a tradução.

O que se segue é um resumo da leitura feita por mim do livro de Barbosa, em que apresento os modelos de tradução criados por vários estudiosos da área, além da proposta de recategorização desses procedimentos técnicos de tradução feita pela autora.

Os pioneiros nesse trabalho foram Vinay e Darbelnet (1958) que, já no prefácio da obra, apresentam como exemplo uma placa canadense – *SLIPPERY WHEN WET* ("escorregadia quando molhada", em português) – que foi traduzida para o francês como *GLISSANT SI HUMIDE* ("escorregadia se úmida"). Embora clara e objetiva, em francês, ou em português, esta construção não soaria natural. Tendo isso em vista, a forma mais natural em francês seria *CHAUSSÉE GLISSANTE* ("pista escorregadia").

Dessa forma, ao procurar uma tradução "artificial", não apenas literal, Vinay e Darbelnet enumeraram sete procedimentos e dividiram-nos em dois eixos principais – *tradução direta* e *tradução oblíqua.* A tradução direta pode ser também classificada como literal ou palavra por palavra. Segundo os autores, esse procedimento é possível quando as duas línguas envolvidas na tradução apresentam grandes semelhanças – estruturais e extralingüísticas. Por outro lado, a tradução oblíqua provoca a alteração da forma.

O empréstimo é o primeiro procedimento pertencente ao eixo da tradução direta. Ele caracteriza-se por utilizar a própria palavra do original no texto traduzido quando não houver um termo com mesmo significado na língua da tradução. Mais tarde Vinay chega a afirmar que esse procedimento é *a negação da tradução* (VINAY citado por BARBOSA, 1990:26).

Ex:	*The*	***coroner***	*spoke*	
	Le	***coroner***	*prit la parole*	*(1990:25)*

Enquanto o empréstimo se limita ao nível da palavra, o decalque, outro procedimento mencionado pelos estudiosos, estende-se para os sintagmas. Há uma subdivisão em que, de

um lado, tem-se o decalque de expressão (uso de palavras da língua de tradução, mantendo-se a estrutura sintática):

Ex: *Season's* *greetings*
Compliments *de la saison* *(1990:26)*

Do outro lado há o decalque de estrutura (uso de palavras da língua de tradução, mas alterando a estrutura sintática):

Ex: *Science-fiction*
Science-fiction *(1990:27)*

A tradução palavra-por-palavra ou literal é o último procedimento do eixo da tradução literal que tenta respeitar as características formais, estruturais e estilísticas da língua da tradução.

Ex: *I* ***left*** *my spectacles on the table* ***downstairs***
*J'**ai laissé*** *mes lunettes sur la table* ***en bas*** *(1990:28)*

Segundo os autores, caso seja impossível a adoção de um desses procedimentos, faz-se necessário o emprego de outros mais complexos que se encontram no eixo da tradução oblíqua. O primeiro deles é a transposição, que é o distanciamento, sintático, da forma do original:

Ex: *des son* ***lever*** *(substantivo)*
As soon as he ***gets up*** *(verbo)* *(1990:28)*

A modulação apresenta o ponto de vista sobre a expressão entre as línguas de forma diferente:

Ex: *jusqu'à une heure avancée de la* ***nuit***
Until the small hours of the ***morning*** *(1990:29)*

Já a equivalência garante a mensagem do original, ainda que através de meios estilísticos e estruturais diferentes:

Ex: *Too many cooks spoil broth*
Deux patrons font chavirer la barque *(1990:29)*

Por equivalência, no português ficaria: "Panela que muitos mexem sai salgada ou sem sal".

E, por último, a adaptação, que consiste em recriar uma situação extralíngüística na língua da tradução, já que aquela do original é desconhecida pelos leitores da tradução.

Ex: *He kissed his daughter on the mouth*
Il serra tendrement sa fille dans ses bras *(1990:30)*

O beijo 'anglo-saxônico' que o pai dá na boca de sua filha é substituído por um abraço em francês, ou em português.

Vinay e Darbelnet, apesar de apresentarem seu modelo divido em dois eixos principais, lembram que muitas vezes os procedimentos podem ser usados simultaneamente.

TRADUÇÃO DIRETA	EMPRÉSTIMO DECALQUE TRADUÇÃO LITERAL
TRADUÇÃO OBLÍQUA	TRANSPOSIÇÃO MODULAÇÃO EQUIVALÊNCIA ADAPTAÇÃO

Quadro 1 – Esquema do modelo de Vinay e Darbelnet (BARBOSA, 1990:23)

Como tradutor de textos bíblicos, Eugene Nida pertencia a United Bible Societies (Sociedades Bíblicas Unidas), trabalhando com mais de 1393 línguas. Através desse trabalho,

ele descobriu o quanto o conteúdo era mais importante que a forma no trabalho de evangelização, embora muita gente preferisse um texto totalmente fiel à forma, mesmo que ele pudesse se tornar incompreensível. Assim, Nida procura defender um visão gerativa, de acordo com Chomsky (1957), em que a língua é considerada como "um mecanismo dinâmico capaz de gerar uma série infinita de enunciados diversos" (NIDA citado por BARBOSA 1990:32).

O modelo de Nida (1964), o segundo apresentado por Barbosa, caracteriza-se pela tensão entre equivalência formal e equivalência dinâmica. A primeira volta-se para a forma e para o conteúdo do original, ou seja, o texto traduzido deve corresponder aos vários elementos lingüísticos e extralingüísticos presentes no texto original. Enquanto a segunda refere-se à transposição de uma língua para outra, de modo que a tradução apresente dados importantes da cultura a que pertence o leitor. Ele procura dar ênfase a esta última por ir além da simples comparação das estruturas envolvidas na tradução.

Nida não faz uma listagem clara dos procedimentos técnicos por ele utilizados. O que se segue é um esquema do seu modelo:

FONTE →MENSAGEM1→RECEPTOR1→MENSAGEM2→RECEPTOR2

Quadro2 – Esquema do modelo de Nida (BARBOSA, 1990:34)

A FONTE é o autor do texto original, a MENSAGEM1 é texto original, a MENSAGEM2 é o texto traduzido (equivalente à MENSAGEM1), o RECEPTOR1 é o tradutor e o RECEPTOR2, o leitor do texto traduzido

O terceiro modelo apresentado é o de J. C. Catford (1975) que, na realidade, consiste em quatro modelos. Como se fundamenta na teoria lingüística para realizar seu trabalho, sua atenção volta-se, principalmente, para o nível estrutural da língua, já que, para ele, a tradução se resume na substituição do material textual de uma língua por um equivalente na outra língua, não se detendo nas especificidades da tradução.

Posto isso, a tradução poderá ser plena – “o material textual na língua do original é substituído por seu equivalente na língua da tradução” (1990:36) – ou parcial – parte do material textual na língua do original é incorporado ao texto da língua da tradução; total – todos os “elementos” (morfemas, palavras, orações, parágrafos, textos, etc.) que compõem a hierarquia fonológica, grafológica, gramatical e lexical do texto original são substituídos por outros da língua de tradução – ou restrita, que se limita apenas a promover a substituição de apenas um dos elementos de cada vez. O quarto modelo de Catford apresenta a tradução livre, a literal e a palavra por palavra, que estabelecem ligação direta com os outros três modelos anteriormente mencionados. Vale ressaltar aqui que o estudioso afirma que a tradução livre é não limitada, que a palavra por palavra é limitada à ordem da palavra e que a tradução literal encontra-se entre as duas. Assim, o que vemos é a apresentação de sobreposições entre os modelos propostos, o que já antecipa o modelo de Heloísa, o qual esclarece que é praticamente impossível estabelecer delimitações claras e bem definidas entre um procedimento tradutório e outro.

Quadro3 - Esquema do modelo de Catford (BARBOSA, 1990:39)

Além desses modos de tradução apresentados, Catford também comenta sobre as transposições, cuja definição corresponde à de tradução oblíqua fornecida por Vinay e Darbelnet, ou seja, trata-se da perda de correspondência formal durante o ato tradutório.

Como procedimento, a transposição faz parte do mesmo eixo das traduções plena, total, não limitada, literal e livre, subdividindo-se em transposição de ordem (de gramática a léxico/de léxico a gramática):

Ex: ***This*** *(dêitico da ordem gramatical)* ***text*** *is intended for...*
Le*(artigo)* ***present*** *(adjetivo lexical) manuel s'adresse à...* *(1990:41)*

Um outro tipo de transposição é a de categoria que, por sua vez, desmembra-se em transposição de estrutura (alteração sintática):

Ex: *A white* ***house***
Une maison ***blanche*** *(1990:41)*

Há, também , a transposição de classe (tradução de um item da língua original por um de classe diferente na língua de tradução):

Ex: *A* ***medical*** *(adjetivo) student*
Un étudiant ***en médecine*** *(sintagma adverbial)* *(1990:41)*

Catford aborda, ainda, a transposição de unidade (afastamento da correspondência formal); e de intra-sistema (tradução de um termo do texto original por outro não correspondente na língua de tradução, mesmo existindo tal correspondente):

Ex: *Advice – des conseils (un conseil)*
News – des nouvelles (une nouvelle) *(1990:41)*

Quadro4 - Esquema do modelo de Catford (BARBOSA, 1990:40)

Assim como Vinay e Darbelnet, Gerardo Vázquez Ayora (1977) adota o modelo de tradução direta e oblíqua, ressaltando a importância desta última. Porém, ele nega o empréstimo e o decalque e expõe outros procedimentos – amplificação, explicitação, omissão e compensação – que complementam aqueles já existentes. Vale deixar claro aqui que os quatro procedimentos listados por Vázquez-Ayora também foram descritos por Vinay e Darbelnet, apenas não foram apresentado. A amplificação ocorre quando uma palavra é desdobrada por necessidades sintáticas:

Ex: *We are working* ***toward*** *a new policy...*
Nos esforzamos ***por encontrar*** *una nueva política...* *(1990:46)*

A explicitação, caso particular de amplificação, fornece ao leitor uma informação sobre algo da língua do original que não lhe é familiar:

Ex: *The Secretary of State testified against the provision that automatically excludes all OPEC members.*

En las audiencias previas *el Secretario de Estado argumentó en contra de la disposición que excluye ipso facto a los miembros de la OPEP.* *(1990:46)*

Já a omissão deixa de apresentar elementos excessivamente repetidos no texto original.

Ex: *To speak of a mutual convertibility from one* ***particular*** *language to another.*
Hablar de una convertibilidad reciproca de una lengua a outra. *(1990:47)*

E, finalmente, a compensação repõe perdas de conteúdo ou de recursos estilísticos durante o processo tradutório. Este procedimento se aproxima da noção de equivalência apresentada por Nida. Vale lembrar que Vázquez-Ayora enfatiza esse último procedimento, pois nele estão envolvidos e sobrepostos vários outros procedimentos técnicos. Dessa forma,

segundo ele, faz-se possível a obtenção no texto traduzido do mesmo efeito global atingido no texto original:

(1990:47)

Quadro4 – Esquema do modelo de Vazquez-Ayora (BARBOSA, 1990:44)

Ao contrário daqueles já citados anteriormente, Peter Newmark não se limita à teoria lingüística para fundamentar seus estudos. Ele buscou sustentação para suas análises na literatura sobre tradução e se deteve na famosa tensão entre tradução livre e literal, dando ênfase ao *efeito equivalente* (BARBOSA 1990:49) na tradução, que mantém o foco sobre o leitor, promovendo uma espécie de aproximação com o texto original.

Dessa forma, em seu modelo (1981), as formas de tradução podem se dividir em dois pólos, sendo o primeiro deles representado pela tradução semântica, que é literal ou fiel ao texto original; e o segundo, representado pela tradução comunicativa, que se caracteriza por ser livre e idiomática, ou seja, ela volta seu foco para o texto traduzido. Sua listagem de procedimentos é muito semelhante a de Vinay e Darbelnet, porém a hierarquização não é a mesma. Ele também apresenta a transposição, que foi definida por Vinay e Darbelnet, Catford

e Newmark, localizada, que se posiciona entre os eixos da tradução semântica e da tradução comunicativa, evitando aquela divisão radical estabelecida por outros modelos. Além desses, outros nove procedimentos ainda são descritos por Newmark. São eles: sinonímia lexical – tradução por um equivalente próximo na língua de tradução:

Ex: *Ein Greis* (alemão) – homem muito velho, com componente secundário de ser grisalho, digno, frágil.
Ancião (sinônimo mais próximo na língua de tradução) *(1990:54)*

O rótulo tradutório consiste na adoção de um equivalente aproximado, geralmente entre aspas:

Ex: *Promotion* – *" social advancement"*
Autogestion – *"worker management"* (1990:54)

A definição ou o equivalente descritivo – substituição de um léxico na língua do original por sua definição na tradução:

Ex: *Machete* – *Latin American broad, heavy instrument* (1990:54)

A paráfrase é a reescritura livre do significado de um período (sem exemplo); expansão – expansão gramatical de um segmento:

Ex: *To taste of* – *Avoir le goût de* *(1990:55)*

A contração, por sua vez, consiste na redução gramatical de um segmento; reconstrução de períodos:

Ex: *Science anatomique* – *anatomy* *(1990:55)*

A reorganização e as melhorias são correções de erros e jargões. Já o dístico tradutório é, para Newmark, a tradução literal ou uma transferência (empréstimo) seguida de tradução literal:

Ex:	Literal	→	*conseil d'État – Council of State*
	Transferência + Tradução literal (ou vice-versa)	→	*Knesset (the Israeli Parliament)*
			"legists" (hommes de loi)

(1990:55)

Finalmente, Newmark menciona a naturalização, que consiste em adaptar os nomes próprios da língua do original à língua da tradução.

Quadro5 – Esquema do modelo de Newmark (BARBOSA, 1990:53)

Ao combinar e reagrupar os procedimentos técnicos de tradução descritos pelos estudiosos anteriormente mencionados, eliminando e renomeando alguns deles, Heloísa Gonçalves Barbosa apresenta a sua proposta. An página seguinte está o quadro em que são apresentados os procedimentos categorizados e recategorizados por Barbosa:

Convergência do Sistema Lingüístico, do Estilo e da Realidade Extralingüística	Divergência do Sistema Lingüístico	Divergência do Estilo	Divergência da Realidade Extralingüística
Tradução palavra-por-palavra (definido por Catford e Newmark)			
Tradução Literal (definido por Catford e Newmark)			
	Transposição (definido por Vinay e Darbelnet, Vazquez-Ayora, Newmark e Catford)		
	Modulação (definido por Vinay e Darbelnet, Vazquez-Ayora e Newmark)		
	Equivalência (definido por Vinay e Darbelnet, Vazquez-Ayora e Newmark)		
		Omissãovs.Explicação (definido por Vázquez-Ayora)	
		Compensação (definido por Nida, Vázquez-Ayora e Newmark)	
		Reconstrução (definido por Newmark)	
		Melhorias (definido por Newmark)	
			A Transferência se subdivide em: Estrangeirismo (‘empréstimo’ para Vinay e Darbelnet); Transliteração (definido por Catford); Aclimatação (‘decalque’ para Vinay e Darbelnet); e Estrangeirismo com explicação (definido por Nida e Newmark);
			Decalque (definido por Vinay e Darbelnet e Newmark)
			Explicação (definido por Nida)
			Adaptação (definido por Vinay e Darbelnet, Vázquez-Ayora e Newmark)

Quadro 6 – Esquema do modelo de Heloísa Barbosa (BARBOSA, 1990:93) *

* O quadro acima apresenta duas modificações em relação ao apresentado por HGB em seu livro. A primeira delas diz respeito à colocação dos nomes dos autores que primeiramente definiram cada um dos procedimentos recategorizados por Barbosa. A segunda modificação está relacionada à colocação do procedimento “transferência com explicação” como uma

Na verdade, Barbosa elabora duas propostas na tentativa de eliminar algumas *falhas* ocorridas nos procedimentos já expostos. Uma das propostas relaciona-se com o grau de divergência ou convergência – lingüística, extralingüística e estilística – entre a língua da tradução e a do original. Dessa forma, quando duas línguas apresentarem uma maior convergência entre si, o procedimento mais indicado é o da tradução palavra-por-palavra e o da literal. Porém, se o grau de divergência entre duas línguas for significativo, deve-se recorrer a outros procedimentos mais complexos. Com isso, fica esclarecido o quadro anterior no qual Barbosa dispõe os procedimentos ao longo de quatro eixos principais – convergência do sistema lingüístico, da realidade extralingüística e do estilo, divergência do sistema lingüístico, divergência do estilo e divergência da realidade extralingüística. A divergência dos sistemas lingüísticos obriga o emprego de procedimentos mais complexos para garantir o sentido do original e a gramaticalidade. Assim, ela adota o termo transposição para esse tipo mais específico. Quanto à divergência de estilo, Barbosa diz que os procedimentos que devem ser usados são a omissão, a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos e as melhorias.

Na outra proposta, Barbosa sugere uma ordenação dos procedimentos de acordo com a freqüência em que ocorrem. É interessante ressaltar aqui que, embora Barbosa afirme ter ordenado os procedimentos de tal forma que sigam dos mais simples aos mais complexos, não pôde fazer o mesmo em relação à ordenação dos procedimentos mais recorrentes aos menos freqüentes, já que admitiu não ter conseguido provas precisas acerca dos procedimentos mais e menos utilizados no ato da tradução:

> *Na minha proposta, fica aparente que os procedimentos estão categorizados em uma ordem que vai dos mais simples aos mais complexos [...] e, primordialmente na ordem dos que minha intuição revela serem mais usados (mais freqüentes) para aqueles que considero menos usados*

---

subdivisão do procedimento de “transferência” e não como um procedimento autônomo do eixo “divergência da realidade extralingüística”.

> *(menos freqüentes), embora eu não tenha encontrado na literatura subsídios para comprovar esta freqüência (BARBOSA 1990: 100).*

Barbosa ressalta que Catford, Nida e Newmark procuraram suavizar a dicotomia entre tradução livre e tradução literal. Porém, ela afirma ter conseguido amenizar ao máximo essa divisão através do estabelecimento daqueles quatro eixos anteriormente apresentados, nos quais apresentam-se os procedimentos adequados para cada necessidade específica. Entretanto, nota-se que, ao fazer a nova divisão dos procedimentos, Barbosa também não consegue se libertar da questão bipolar em torno dos atos tradutórios, já que os divide em convergentes e divergentes. Dessa forma, essa seria uma mostra da dificuldade que existe em se desvincular da tendência geral que estabelece métodos tradutórios através de eixos que acabam se tornando dicotômicos. Por mais que tenha havido avanços, Barbosa não chegou a apresentar um modelo livre da famosa bipolaridade que existe entre tradução literal e tradução não-literal.

CAPÍTULO III

UMA POSTURA POLITIZANTE

Lawrence Venuti, no livro *The Translation Invisibility:* A History of Translation (1995), discute, predominantemente no primeiro capítulo,denominado *Invisibility*, a maneira pela qual as traduções são realizadas no contexto anglo-americano. Em uma posição bem crítica, ele vê a tradução naquele contexto como uma forma de manipulação. Para embasar e ilustrar seu trabalho, o autor nomeia os possíveis procedimentos de tradução que seriam adotados pelo tradutor - estrangeirização e domesticação. É relevante lembrar aqui que tais procedimentos possuem características semelhantes aos daqueles nomeados pelo tradutor alemão Friedrich Schleiermacher, já que Venuti faz uma releitura dos termos adotados por aquele estudioso. Assim como Schleiermacher, Venuti privilegia o método de estrangeirização, que tem como principal característica levar o leitor até o texto original.

A teoria de Saussure considera o idioma um sistema homogêneo e fechado, levando em conta o estudo da língua isolada, rejeitando a influência do contexto em que ela se insere. Ao contrário da concepção saussureana, a língua é vista por Venuti inserida em circunstâncias sócio-históricas e político-ideológicas já que, segundo ele, são esses fatores extralingüísticos que são responsáveis pelas mudanças de significação, pelas perdas e acréscimos que são encontrados em qualquer tradução. Para Venuti, a tradução implica na substituição da diferença lingüística e cultural do texto estrangeiro por um texto compreensível para o leitor. Assim, ao considerar a tradução constituída pelo social e pelo histórico – conceito de subjetividade – podemos ver aqui um prenúncio da negação da dicotomia liberdade/fidelidade.

O contexto anglo-americano, como já temos conhecimento, apresenta culturas monolíngües, imperialistas e xenófobas. Dessa forma, a tradução aceita, e até exigida, por editores, revisores, críticos e leitores nessas culturas geralmente é a *fluente*, ou seja, é a que adota procedimentos domesticantes em que textos estrangeiros são inseridos de forma

‘invisível’ nos valores da língua inglesa, levando os leitores a reconhecerem sua própria cultura em outras culturas. A partir dessa postura da indústria editorial, Venuti faz uso do termo *invisibility* (invisibilidade) para se referir à tradução e ao tradutor que se tornam invisíveis para dar a ilusão de transparência ao texto original. Nas palavras de Venuti:

> *Um texto traduzido [...] é julgado aceitável pela maioria das editoras, editores e leitores quando é fluente, quando a ausência de quaisquer peculiaridades lingüísticas ou estilísticas o fazem parecer transparente, dando a impressão de que ele reflete a personalidade, ou intenção, ou o sentido essencial do escritor estrangeiro – a impressão, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o ‘original’ (VENUTI traduzido por mim, 1995:01).*

Assim, como o discurso presente geralmente tende a ser do texto e do autor do original, o tradutor e seu trabalho passam a ser considerados como representações de segunda ordem, em outras palavras, praticamente não são reconhecidos. Venuti condena a posição equivocada, segundo ele, de muitos que acreditam no sucesso de um ato tradutório invisível, ou seja, muitos defendem a idéia de que quanto menos o tradutor aparecer, quanto mais neutro for, melhor e mais satisfatório será o resultado do trabalho apresentado pelo tradutor invisível. Na verdade, Venuti não concorda com o interesse econômico, político e ideológico que existe por trás desses trabalhos de tradução.

Venuti considera que essa condição de submissão imposta a tradutores e à própria cultura do texto original se deve à atitude violenta e manipuladora da indústria editorial anglo-americana diante da atividade de tradução, já que o texto estrangeiro é traduzido conforme valores de língua e cultura maternas, determinando, assim, a produção, circulação e recepção das traduções. Em oposição à escrita de assimilação (tradução vista como se fosse o original), Venuti cria a expressão “escrita de resistência”, ou seja, é a tradução que resiste à leitura fácil, deixando visível a presença do tradutor. Assim, Venuti, como já mencionado, defende o procedimento estrangeirizante, aquele em que o discurso do original é incorporado na tradução, sendo que o ponto de vista do tradutor ganha relevância. Em outras palavras, o tradutor torna-se visível, assumindo a autonomia de deixar transparecer em seu trabalho

elementos sócio-culturais e ideológicos diversos, de acordo com cada momento histórico, já que tais *elementos*, segundo Venuti, influenciam substancialmente o trabalho do tradutor: “A viabilidade de uma tradução é estabelecida por sua relação com condições culturais e sociais sob as quais é produzida e lida” (VENUTI traduzido por mim, 1995:18).

Vale reafirmar aqui que a intenção de Venuti ao defender o privilégio do método de tradução estrangeirizante é de se posicionar contra aquela ideologia anglo-americana hegemônica e xenófoba e a favor de dar a voz ao tradutor e também de dar vez à cultura do outro com suas especificidades. Dessa forma, segundo ele, o reconhecimento da diferença cultural e lingüística pode se fazer evidente (ou visível).

CAPÍTULO IV

UMA ABORDAGEM CULTURALISTA

Em *Fragmentos de uma História de Travessias*: Tradução e (Re)Criação na Pós-Modernidade Brasileira e Hispano-Americana (1996), publicado na Revista de Estudos e de Literatura da Universidade Federal de Belo Horizonte, Else Ribeiro Pires Vieira expõe questões relevantes concernentes à tradução realizada no contexto brasileiro e hispano-americano. Segundo ela, desvios, transformações, mudanças, adições, etc. são especificidades das traduções feitas na América Latina. Ao levarmos isso em conta, podemos entender melhor as palavras de Ricardo Piglia quando citado por Vieira: "A identidade de uma cultura se define pela forma como ela usa a tradição estrangeira" (PIGLIA citado por VIEIRA, 1996:62).

Partindo do fato de que no mundo coexiste uma diversidade de opiniões acerca do pensar e fazer tradutórios, Vieira afirma que estamos realizando uma *travessia*, uma passagem de uma época em que se privilegiava a pureza dos valores nacionais para um período em que se traduz (se recria) as culturas de um modo geral, período esse que se distancia daquela visão tradicional – a qual vimos anteriormente no presente trabalho – de binarismo excludente, de dicotomia original/cópia em que o original é (era) sempre privilegiado, impedindo, assim, a visibilidade da diferença. Nesse período pós-moderno, o texto passado é recuperado e transformado para que ele dialogue com o texto atual. Entre vários autores, Vieira cita Guimarães Rosa para ilustrar sua explanação através da crença do escritor na modificação da tradução ao longo do tempo. Rosa substitui o binarismo pela *terceira margem do rio*, para ele a tradução "descreve uma existência continuada de crescimento através do Outro e a experiência ambígua de, ao ser traduzido e suplementado, sentir-se transformado nos sons do outro" (ROSA citado por VIEIRA, 1996:65). Vieira também lembra a metáfora da urna quebrada utilizada por Guillermo Valencia, poeta e tradutor colombiano, ao apresentar sua tradução para o espanhol da obra *Ode on a Grecian Urn*, do escritor Keats. No poema de Keats essa urna, esculpida por mãos gregas, consagra-se por não ter sido violada mas que em

mãos latino-americanas, nas *travessias da histórias* (1996:70), foi quebrada e reconstituída: "E Valencia nutre-se do próprio tema de Keats de que a arte sobrevive ao tempo e à deterioração para teorizar a tradução como continuação, mas através da reconstrução e renovação do original" (1996:70).

Outro nome mencionado por Vieira, ao falar sobre o papel do tradutor de um modo geral, é Silviano Santiago, crítico, romancista e tradutor, o qual, ao tecer comentários acerca do contexto latino-americano (1971), trata o fazer tradutório como um "entre-lugar entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão" (SANTIAGO citado por VIEIRA, 1996:67). Dessa forma, o tradutor passa a ser visto como mediador, ser bilingüe e bicultural, que faz a interligação entre os contextos estrangeiro e doméstico, transitando entre os dois, sem, porém, privilegiar exageradamente um dos dois. Sobre essa *instabilidade*, dualidade não resolvida entre a reprodução e a criação, entre o visível e o invisível, Vieira cita Sebastião Uchoa Leite que fala sobre a *função Hamletiana da tradução,* que acaba se tornando "ou suicida, eliminando-se a si mesma quando elimina a vida do texto, ou é assassina do texto original ao afirmar a sua própria vida" (LEITE citado por VIEIRA, 1996:71). Nesse momento, Vieira recorre a Haroldo de Campos, que nomeou as duas possíveis visões que se pode ter da tradução: de um lado, temos a "angelical", por libertar a língua cativa do original, e do outro temos a "satânica", por não se submeter ao conteúdo do original.

Segundo a escritora, há ainda aqueles tradutores com uma postura mais radical que não respeitam nem o original nem o seu leitor, realizando, assim, uma tradução transgressiva. Vieira cita o poeta chileno Diego Maquieira e o poeta italiano Emanuel Carnevali como exemplos de tradutores que partilham essa mesma postura. Mas, Vieira lembra que "Traduzir – amar, transgredir, fingir, recriar" (1996:71) – não implica em deixar de citar a fonte. Dessa

forma, segundo a escritora, a tradução passa a ocupar uma posição que fica entre a recriação e a criação autônoma.

Os irmãos Campos foram responsáveis pelo grande impacto no pensamento brasileiro sobre tradução. Em seu livro *Verso, Reverso, Controverso,* Augusto de Campos relaciona tradução, amor e deglutição, através de uma orientação antropofágica a partir dos trabalhos de Oswald de Andrade, para criar sua metalinguagem tradutora de criação. Isso se deve à tradução de textos que foram (ou são) o reverso da literatura canonizada e que, devido a isso, passaram a ser objeto de controvérsias. Segundo ele, reverso também pode significar versificar, ler, escrever, criar, avaliar novamente. Para comentar sobre a conciliação, feita pelos irmãos Campos, entre a crítica e a criação, Vieira afirma: "Tradução crítica e criatividade se entrelaçam, pois o trabalho dos irmãos Campos resiste à dicotomia e à hierarquia de discurso primário e secundário" (1996:75).

Haroldo de Campos inaugura o conceito de plagiotropia, ou seja, a prática poética de "transformação não linear de textos através da história" (H.CAMPOS citado por VIEIRA, 1996:76). Assim, com a proposta de diluir essa noção de fidelidade e de unidirecionalidade, ele adota a transcriação ou transtextualização que, segundo ele, "é uma operação tradutória radical; ela não tenta reproduzir a forma do original entendida como padrão sonoro, mas busca apropriar-se da melhor poesia contemporânea à tradução e usar a tradição local extante" (H.CAMPOS citado por VIEIRA, 1996:77).

Após realizar seus estudos acerca das traduções feitas no contexto latino-americano, Vieira considera que dicotomia não seria o termo mais adequado quando falamos em processo tradutório no Brasil e nos países de língua hispânica, mas sim, dualismo, já que ela considera a tradução como um *locus* de dualidades. Segundo ela, não há sobreposição de uma dada característica, de uma língua, de uma cultura em relação à outra como ocorria a algum tempo atrás. O que, na verdade, ocorre é o entrecruzamento, a inter-relação entre diferentes línguas,

culturas, etc., em que o produto final é uma leitura da tradição universal e local ao mesmo tempo.

Com essa proposta de Vieira, temos, então, uma visão que rompe com as concepções binárias presentes nos modelos tradutórios de base essencialmente lingüística e defendidas por nomes importantes na área. Através de uma sustentação culturalista, Vieira, assim como Silviano Santiago e os irmãos Campos, no contexto latino-americano, e Venuti, no contexto anglo-anericano, entre outros, reivindicam a mistura da cultura do estrangeiro com a do nativo, o entrecruzamento de visões aparentemente antagônicas. Esses intelectuais são responsáveis pela comprovação da virada cultural, ocorrida no final dos anos 70 do século XX, que deu início a uma nova era no que tange aos estudos tradutórios.

Com base nessa nova proposta, a questão em torno da *instabilidade* do tradutor adquire uma outra concepção. O que, a princípio, poderia ser encarado como um ponto negativo, por ser tratado como incompetência do tradutor por não adotar uma única postura – estrangeirizante ou domesticante –, ou por causar estranheza ao leitor, agora passa a ser visto como algo enriquecedor, pois coloca duas culturas e suas respectivas línguas em constante diálogo e troca de informações.

CAPÍTULO V

O TERCEIRO LUGAR: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

A fim de acrescentar mais um nome no “grupo” de estudiosos que incorporaram os conceitos pós-estruturalistas em suas propostas de trabalho, no que tange aos estudos tradutórios, acho conveniente citar o nome de Maria Paula Frota que, através de uma abordagem psicanalítica, também defende o “terceiro lugar” na tradução, dando maior ênfase ao sujeito e sua singularidade. Para tal, apresento seu livro: *A Singularidade na Escrita Tradutora:* Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução na Lingüística e na Psicanálise (2000), em que ela expõe algumas de suas reflexões acerca do ato tradutório sob o ponto de vista psicanalítico, enfatizando a *singularidade* como expressão do inconsciente refletida na tradução. Dessa forma, para desenvolver sua proposta, ela faz uma inter-relação entre os estudos tradutórios, a lingüística e a psicanálise, mencionando nomes como o de Ferdinand Saussure, Lawrence Venuti, Sigmund Freud, Jacques Lacan, entre outros, para fundamentar suas argumentações.

Aquele modelo de ciência da lingüística estruturalista que se caracteriza pela exclusão do falante da noção de língua, considerada homogênea, fechada e exterior ao indivíduo é recusado pela psicanálise pois, como implica na exclusão da subjetividade, ou do tradutor, da prática tradutória, ele inviabilizaria a tradução. Levando isso em consideração, Frota atém-se à noção de *singularidade do tradutor*, conceito esse dado na tentativa de superar a famosa dicotomização literalidade/criatividade da posição do sujeito em relação à língua e eleger um terceiro elemento, que é a singularidade:

> *O primeiro termo remete a linguagem, a língua e, portanto, da perspectiva desse trabalho, a estrutura. O segundo, à metafísica, e, portanto, à lógica dicotômica e ao sujeito que, da razão, é excluído da estrutura. O terceiro consiste, justamente, naquele terceiro que, porque associado ao inconsciente, ao desejo inconsciente, vem desorganizar a ordem imaginada na estrutura lingüística saussureana (FROTA, 2000:245).*

Saussure tornou-se um representante da lingüística estruturalista que acaba por excluir o falante da noção de língua, considerada por ele homogênea, fechada e exterior ao indivíduo. Essa noção, segundo Frota, levaria à impossibilidade da tradução: “As noções de

que os sistemas lingüísticos são diferentes entre si e de cada qual constitui uma unidade, somadas ao ideal de tradução como reprodução fiel, levaram alguns estudiosos da área a se defrontar com a constatação, paradoxal, de que, embora vigorosa na prática, a possibilidade da tradução era teoricamente questionada" (2000:35). Isso se deve à exclusão da subjetividade, ou do tradutor, na prática tradutória, fazendo com que a psicanálise recusasse esse modelo de ciência. Frota chega a citar alguns depoimentos de estudiosos demonstrando sua insatisfação através de críticas aos pontos de vista de certos lingüistas. Exponho a seguir um comentário de Francis Aubert citado por Frota:

> *Os instrumentos de que [o lingüista] dispõe [...] parecem ainda por demais frágeis e limitados em sua abrangência para lidarem adequadamente com a realidade multifacetada da tradução. E esta fragilidade e esta limitação são acentuadas pelos estritos parâmetros impostos por seu objetivo maior – o de planejar e executar uma ciência da linguagem obrigando-o a fazer ouvidos moucos ao subjetivo, propaladamente um dos componentes essenciais do ato tradutório (AUBERT, 1984: 71).*

Segundo a escritora, para psicanálise não há como desvincular o sujeito da lingua(gem) pois "o sujeito está implicado no sentido, inscrevendo, nas palavras que enuncia, a profunda singularidade de seu desejo" (2000:42).

No capítulo II – "Lawrence Venuti e a teoria da (in)visibilidade do tradutor" – Frota realiza uma análise acerca da teoria influente defendida por Lawrence Venuti – a (in)visibilidade do tradutor. Apesar de admitir que muitas vezes o efeito da tradução exceda a intenção do tradutor devido ao caráter inconsciente das determinações ideológicas, Venuti prefere não seguir por esse caminho, detendo-se exclusivamente em dados históricos. Nesse ponto, Frota levanta uma problematização relacionada a essa subjetividade que, considerada de natureza apenas histórica ou social para Venuti, poderia também estar vinculada ao inconsciente que está inserido na história particular de cada um de nós, ou seja, este seria o assujeitamento do tradutor ao inconsciente e não apenas ao social ou ao ideológico. Assim, a tensão entre a uma dimensão subjetiva singular rejeitada e um sujeito transcendental adotado

observada na teoria de Venuti leva Frota à afirmação de que ele não está fugindo daquela famosa dicotomia por ele criticada, pois não está conseguindo se libertar das concepções de linguagem e de subjetividade. Na verdade, segundo ela, Venuti não põe em prática sua teoria.

No quarto e último capítulo do seu livro, o que mais interessa ao presente trabalho, Frota se atém à noção de *singularidade do tradutor*, conceito esse dado na tentativa de superar, na prática, a famosa dicotomização literalidade (neutralização)/ criatividade (mestria) quanto à posição do sujeito em relação à língua. Ao negar a subjetividade como dona de si e de seus atos e a língua como assujeitada ao falante, o pensamento de Venuti chega a coincidir com o de Frota. Porém, ao voltar-se para a individualidade do sujeito e para sua história, ou para a escrita inconsciente do tradutor, ela se afasta da concepção de Venuti segundo a qual as ideologias têm um papel determinante no âmbito dos estudos tradutórios. Assim sendo, Frota nos revela seu principal interesse, subdividido em três, ao realizar tal reflexão: "uma noção não subjetivista de sujeito, o papel constituidor da linguagem e uma relação entre subjetividade e língua que não se reduza nem a um enfoque individualista nem a um determinismo que exclui o desejo do inconsciente" (2000: 196).

Em um dos momentos finais do livro Frota baseia-se quase exclusivamente na teoria desenvolvida por Freud, que considera o "deslize" não como um ato de ignorância do tradutor, mas sim como um dado provindo do desejo inconsciente que foi recalcado pelo consciente em algum momento passado: "pensamentos que ele julgara conveniente omitir ou distorcer, ao relatar e analisar sonhos que tivera, conseguiram entretanto se expressar, através de pequenos traços, de restos, sem que ele os percebesse em meio ao material relatado" (2000: 201-202). Vale lembrar que Freud, com essas afirmações, estaria negando o erro por ignorância que, por sinal, ocorre com muita freqüência em trabalhos de tradução. O que se conclui é que ele prefere ater-se nos lapsos de língua que podem se constituir como "(a) formações do inconsciente; (b) formações lingüísticas; (c) 'falseamento de material histórico e

factual [...] e (d) visíveis, já que não se restringem a fatos da vida psíquica de quem os comete" (2000: 211).

Freud nega a hipótese do descentramento do sujeito como sendo derivada da divisão da subjetividade em intenções/atos conscientes e atos resultantes do acaso, devido a pressa, cansaço, etc., mas sim como fruto de atos inconscientes obedecendo a certas leis. Como esclarece Frota, a partir do ponto de vista da psicanálise, a ação do inconsciente não se restringe ao momento do sonho apenas, ela pode ocorrer durante qualquer atividade que realizamos quando acordados. É claro que essas ações do inconsciente não são notadas, o que faz viável uma análise psicanalítica acerca dos estudos tradutórios. Ao falar sobre o mundo externo, Freud o considera uma massa inacessível, já que se trata de um amontoado desordenado de informações, porém:

> *Do ponto de vista da psicanálise, contudo, não se deve desprezar esse real inacessível e inominável, pois que ele permanece exercendo profundos efeitos sobre a subjetividade e nossas operações de língua(gem). É apenas como resultado de um processo psíquico secundário, no qual já está implicada a linguagem, que essas massas nebulosas ganham formas e identidades, e só assim, lingüística, isto é, simbolicamente construídas, passam a nos ser acessíveis (FREUD citado por FROTA, 2000:210).*

O lapso ocorre quando um dado lingüístico armazenado na memória é momentaneamente esquecido e substituído por outro. Assim, ao envolver a realidade factual, o lapso se torna visível com mais facilidade, já que se pode definir, com certa facilidade, o que é certo/errado. Entretanto, apesar de visíveis, muitos lapsos podem permanecer desapercebidos tanto pelos tradutores quanto pelos revisores. Esses chamados 'lapsos de leitura' ocorrem quando estão envolvidos no processo tradutório a escrita, a leitura e a interpretação simultaneamente. Nessa relação entre leitor e texto, Freud estabeleceu duas nomenclaturas para explicar o lapso ocorrido. Quando dados de duas línguas envolvidas em uma tradução se assemelham pode ocorrer a chamada *ponte verbal* que permite o aparecimento do desejo inconsciente (recalcado). Juntamente com a *ponte verbal*, a *ponte associativa* caracteriza-se por relacionar os sentidos do texto e as representações do

inconsciente "num imenso número de casos é a predisposição do leitor que altera a leitura e introduz no texto algo que corresponde a suas expectativas ou que o está ocupando. A única contribuição que o próprio texto precisa fazer ao lapso de leitura é fornecer alguma semelhança na imagem da palavra, que o leitor possa modificar no sentido que quiser" (2000:216).

Frota afirma que, sob o ponto de vista da psicanálise, o lapso deve ser valorizado, já que, como mencionado em linhas anteriores, envolve a ação do inconsciente, através de 'pontes', em nossas atividades cotidianas. Porém, sob o ponto de vista dos estudos tradutórios e seus objetivos, esse mesmo dado é considerado um erro que precisa ser evitado o máximo possível. As respostas dadas por muitos tradutores – a autora, inclusive cita Anthony Pym – para justificar os erros são de que houve pressa, distração ou interrupção durante o processo de leitura e/ou tradução de um texto. Segundo Pym: "há não muito tempo traduzi *un pueblo de 5 mil habitantes* por *a city with a population of 5 million* [...] eu deveria ter levado um tiro.[...] Eu devo ter me distraído e cometi o erro" (PYM citado por FROTA 2000: 215). Dessa forma, para esse tradutor, os erros binários devem ser considerados externos à tradução, pois são de natureza lingüística. Assim, o erro pode ocorrer pela ausência de conhecimento lingüístico ou por distração. Porém, ao contrário de Pym, a psicanálise afirma que esse *erro* é "efeito de um pensamento inconsciente perturbador" (FROTA 2000:227). Dessa forma, a autora comenta sobre a importância da conscientização por parte dos tradutores de que o lapso, na verdade, resulta de um processo psíquico que, muitas vezes, não pode ser evitado, como já comentado anteriormente.

Para ilustrar suas explanações, Frota diz que na canção "Enjoy yourself, it's later than you think", do longa musical *Everyone says I love you /Todos dizem eu te amo* (1999), de Woody Allen, a expressão *rocking chair* ('cadeira de balanço') foi traduzida como *cadeira*

de rodas. Nessa passagem, durante o velório do avô, seu fantasma diz à família que se continuarem a trabalhar alucinadamente, a vida passará até que eles se verão em uma *cadeira de rodas/balanço*. Assim como Pym, a tradutora dessa canção considerou seu ato como um erro. Além da identidade acústica entre as primeiras sílabas, a escolha inconsciente por *cadeira de balanço* devido à associação entre impotência e velhice foram os responsáveis por essa *falha* segundo muitos analistas, inclusive a própria tradutora. Porém, a psicanálise valoriza essas formas lingüísticas criadas a partir da manifestação do inconsciente devido a sua equivocidade, tema esse bastante explorado atualmente pelos desconstrutivistas.

Ao comentar sobre lapsos de escrita, Freud, novamente citado por Frota, apresenta dois aspectos relevantes para desenvolver sua análise: o nome próprio e o *material histórico e factual*. O lapso que envolve primeiro deles é facilmente detectado, já que se trata de um dado estável e absoluto. Quanto ao lapso envolvendo o segundo aspecto, sua verificação se torna bastante difícil, pois,

> *Na ausência de um recurso que, porque compartilhável, pudesse acusar a formação do inconsciente como incongruente ou mesmo absurda, passaríamos a ter, segundo a categorização proposta por Freud, uma incorreção de outra ordem, aquela que só diz respeito à vida psíquica do próprio falante, inacessível à refutação ou confirmação pela memória dos outros (Psicopatologia da vida cotidiana, ESB, v. VI, p.217).*

Muitas vezes o lapso é detectado, de forma não muito fácil, pelo contexto em que ele se insere, devido a uma inadequação lingüística. Frota apresenta o exemplo de uma prescrição em que o médico alemão, em vez de *alcohol*/ “álcool”, escreveu *achol*/ “sem raiva” por estar tentando suportar a inoportuna mãe de sua paciente no ato da consulta. O que houve, segundo a psicanálise, foi uma possível relação entre dois significantes somada ao desejo inconsciente do sujeito. Dessa forma, a autora afirma que a percepção desse lapso é bastante complexa, já que: “ele não traz nenhuma incorreção material, nem qualquer incompatibilidade com o seu contexto lingüístico” (FROTA, 2000 : 220).

Ainda nesse âmbito, há uma investigação acerca das características de um lapso, pois o que para tradutores é considerado erro em primeira instância, devido ao fator de binariedade (certo/errado) – caso envolvendo nomes próprios, por exemplo – para a psicanálise não o é, pelo menos em um primeiro momento. Nos casos em que um dado provoca dúvidas em relação a sua leitura, interpretação ou tradução está presente o fator de binariedade, ou seja, há o envolvimento de um sujeito que, em sua singularidade, realizou algum tipo de alteração no texto original.

Assim sendo, Frota reafirma a consideração de que tanto o lapso (binário) quanto a singularidade (não-binário) possuem origem subjetiva. Se por um lado temos o lapso de língua, em que erro e acerto são "tomados como qualidades consensual e unanimemente atribuídas a determinada formação lingüística" (FROTA 2000:228), por outro temos a singularidade que se caracteriza pela *instabilidade*. Porém, ambos se convergem ao se levar em conta o indivíduo e suas individualidades, ou seja, ao se levar em conta "um sujeito desejante que, longe de ser universal, abstrato, anterior a qualquer discurso, é submetido a desejos e pensamentos inconscientes, psiquicamente organizados em cadeias formadas a partir de significantes que restaram gravados na memória. Restos singulares, já que restos de palavras ouvidas e de imagens vistas na história do indivíduo" (FROTA 2000:229).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de justificativas para a *instabilidade* que o tradutor deixa transparecer em sua obra, realizei uma recapitulação da história, através de recortes, da evolução do pensamento sobre tradução no contexto mundial, abordando algumas teorias e posturas de nomes importantes nesse âmbito. Dessa forma, partindo de uma visão apenas lingüística, para a visão culturalista, envolvendo questões sociais e políticas, e chegando a mais atual abordagem psicanalítica, cheguei à conclusão de que essas visões construídas ao longo da história constituem a resposta para a minha inquietação no início dessa monografia. Não ouso, de forma alguma, invalidar todos os estudos que foram realizados nesse âmbito, já que foram de extrema importância para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do pensar e fazer tradutórios. A princípio, confesso ter tirado conclusões precipitadas, vendo as oscilações do tradutor como algo depreciativo. Porém, após várias pesquisas, encontrei justificativas teóricas para perceber que fatores históricos, culturais, sociais, políticos e individuais se imiscuem aos fatores lingüísticos e se tornam responsáveis pelas tomadas de decisões em um trabalho de tradução.

A postura pós-estruturalista /desconstrutivista, representada nesse trabalho por Vieira e Frota, me levou a relativizar a opinião que tinha sobre a *instabilidade* do tradutor na tradução. A postura de Freud, relatada e defendida por Frota, aproxima-se da visão desconstrutivista de Derrida ou do movimento culturalista do *cultural turn* (2000:195), já que tem como proposta o rompimento com a busca da literalidade semântica. A relativização dos sentidos e da palavra na tradução adquire importância por inserir o sujeito e sua subjetividade no trabalho de tradução. Assim, a palavra de ordem aqui é relativização e não mais dicotomia, termo que é fruto de uma visão logocêntrica, que predominou em muitas análises tradutórias. Como foi enfatizado, a postura desconstrutivista, representada nesse trabalho por Vieira e Frota, me levou a relativizar meu julgamento sobre a *instabilidade* do tradutor na tradução, pois Vieira vê a tradução como um *locus* de dualidades, apresentando a proposta de um

entrelaçamento entre as duas línguas/culturas envolvidas na tradução; e Frota, coincidentemente, também não exclui nenhuma das culturas envolvidas na tradução, mas sim defende a união das mesmas para que, com isso, surja um terceiro elemento, o desejo inconsciente do sujeito.

Porém, apesar desse significativo avanço em relação aos estudos tradutórios, minhas pesquisas me mostraram que, por mais que se busquem respostas definitivas para essa questão, não há como se chegar a uma resposta final e definitiva em relação à *instabilidade do tradutor* diante de sua tradução. Por isso, não há como justificar, mesmo a partir de uma nova visão que esclarece muitas dúvidas, todas as oscilações realizadas pelo tradutor em sua tradução, pois esta seria uma postura bastante generalista e até simplista.

É claro que seria muito preciosa a justificativa do tradutor para suas decisões ao longo do seu trabalho. Porém, sabemos que nem sempre isso é possível. O que deve ser levado em conta é que quando um trabalho de tradução possui sustentação teórica para sua realização, provavelmente a *instabilidade* se caracterizará como algo positivo, por ser essencial. Do contrário, se o tradutor se valer apenas de sua capacidade e de seu conhecimento limitado, a sua *instabilidade* se caracterizará como algo negativo, por ser fruto da *ignorância* (termo freudiano utilizado por Frota).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres.* Livraria Martins. Editora AS, 8ª edição. São Paulo.

AMADO, Jorge. *Tent of Miracles.* Avon Books. Ltd. New York, 1998; trad. Barbosa Shelby.

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro.*

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma Nova Proposta.* Campinas, SP: Pontes, 1990.

FROTA, Frota. *A Singularidade na Escrita Tradutora: Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise*. - - Campinas, SP: Pontes, 2000.

MILTON, JOHN. *O Poder da Tradução*.....

NIDA, ...

ROWLING, J. K. *Harry Potter and the Sorcerer's Stone.* New York: Scholastic Press, 1998.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal.* trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução.* trad. Margarete von Mühlen Poll. In: Werner Heidermann, org. – Clássicos da teoria da tradução. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma Ética da Diferença*/ Lawrence Venuti. Trad. Lareano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. - - Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VENUTI, Lawrence. *Invisibility.* In: ---. *The Translator's Invisibility: a History of Translation.* London, New York: Routledge, 1995. p. 1-42.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Fragmentos de uma História de Travessias: Tradução e (Re)Criação na Pós-modernidade Brasileira e Hispano-americana.* REVISTA DE ESTUDOS DE LITERATURA. Belo Horizonte: UFMG, v.4, p.61-80, out. 96.